

18-02-2020

Máscaras

Luciene de Aguiar Dias

[Enfermeira. Doutoranda ENSP/Fiocruz]

O desafio de escrever na Coluna Opinião, por não saber quem são os leitores, é não divagar entre a livre explosão de ideias e a sua materialização com termos demasiadamente técnicos ou eruditos. Por isso, no esforço de tratar de temas relacionados ao trabalho, especialmente da enfermagem, encorajo-me com os passarinhos, que cantam sem saber se são apreciados e compreendidos. Em fevereiro, véspera do Carnaval, não consigo fugir ao tema, pois a festa no grande feriado (para alguns, não todos) se repete anualmente e nossas preocupações quanto à capacidade da rede de saúde oferecer assistência nesse período permanece!

Nas nossas conversas, nos relatórios do plantão, nas discretas perguntas que fazemos aos gestores permanece a tensão, porque todo ano é a mesma coisa!

A falta de recursos materiais, técnicos e de profissionais nos perseguem. O carnaval, no formato que conhecemos hoje, com desfiles, fantasias e máscaras tem início em Veneza. A nobreza, no século XVI, usava fantasias e máscaras para poder se juntar ao povo sem serem identificados. Aliás, vale ressaltar o quão belas são as máscaras de Veneza.



<https://festas.site/wp-content/uploads/2017/08/Ma%CC%81scaras-de-Veneza-11.jpg>

Somos famosos por termos um Carnaval cheio de cores, fantasias e alegria. Essa última, segundo Gilberto Freyre, deve-se à presença e participação dos negros (ainda escravos) que deram essa famosa alegria às nossas festas populares. Pois, nesse feriado gigante, a movimentação das pessoas nas ruas, praças, estradas e aeroportos, num vai e vem incessante dia e noite, reflete-se nos serviços de saúde. Muitos acidentados e alguns muito graves. Muito uso de drogas lícitas e ilícitas.

Grandes aglomerações com brigas e conflitos. Enquanto os blocos da folia circulam nas ruas, o bloco dos atingidos não para de desfilir nos corredores dos serviços de saúde. A folia é linda pela sua alegria, mas nas emergências a folia é triste. Fantasias rasgadas, máscaras que escondem dores e a 4ª feira de cinzas antecipada. Nos serviços de saúde a folia dos profissionais é uma folia triste redobrada: a folia do desrespeito à Constituição Federal/88 na garantia do direito pleno à saúde; a folia da falta - falta tudo -; a folia da omissão dos políticos que retiram recursos do SUS; a folia da irresponsabilidade de tantos gestores de saúde pelo Brasil. É sempre bom lembrar que a esmagadora maioria das emergências/urgências é atendida nos serviços públicos de saúde. Máscaras para nós durante a assistência, não só durante o Carnaval, não são fantasia, são uma necessidade.



<https://thumbs.dreamstime.com/b/mulher-africana-nova-que-veste-uma-ma%CC%81scara-protetora-cin%CC%81s-48Arqica-89700066.jpg>

Frente às queixas e críticas dos usuários que percebem os problemas dos serviços de saúde, as nossas máscaras são necessárias para o atendimento e para esconder a vergonha de não podermos exercer nossa missão plenamente, com qualidade e dignidade diante de um sistema tão degradante e desigual em que foliões da alegria e todos nós, foliões da tristeza dos serviços de saúde, somos vítimas. Só nos resta exigir dos responsáveis que expõem os trabalhadores da saúde e, consequentemente, de toda a população que tirem suas máscaras e vistam suas carapuças!



**“Olha, não pense em nada do que eu digo
Não se mostre tão aflito e não se traia
Pense em algo certo, submisso
Que te dê sumiço
Antes que a carapuça caiba...”**

Carapuça - Regina Rocha e Lúcio Sanfilippo

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.